



OSTEOSSÍNTESE DE FRATURA EXPOSTA DE TÍBIA EM CACHORRO-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*): RELATO DE CASO

Vitória Maria Cavalcanti de **MORAES**¹; Ana Luzia Peixoto da **SILVA**², Isadora de Souza **PIRES**², Igor Ferreira da **SILVA**³, Henrique Daniel de Lima **SOUSA**³, Iris de Araújo **CAVALCANTE**⁴, Fabrícia Geovânia Fernandes **FILGUEIRA**⁵

¹ Discente do Curso Medicina Veterinária do IFPB Campus Sousa. E-mail: vitoria.cavalcanti@academico.ifpb.edu.br;

² Médica Veterinária, Pós-graduada em Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais pelo Instituto Federal da Paraíba, Sousa, PB, Brasil. E-mail: peixotoluziaa@gmail.com, izadorasz11@outlook.com

³ Médico Veterinária, Pós-graduado em Anestesiologia Veterinária pelo Instituto Federal da Paraíba, Sousa, PB, Brasil. E-mail: igorferreira010702@gmail.com, hnrqdaniel@gmail.com

⁴ Médica Veterinária, Pós - graduada em Clínica de Pequenos Animais pelo Instituto Federal da Paraíba, Sousa, PB, Brasil. E-mail: iris.acavalcante2001@gmail.com

⁵ Médica Veterinária, Responsável Técnico em Cirurgia de Pequenos Animais do Hospital Veterinário Adílio Santos de Azevedo, Sousa, PB, Brasil. E-mail: fabricia.filgueira@academico.ifpb.edu.br

Resumo: Objetiva-se relatar um caso de fratura exposta de tíbia em cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), destacando a abordagem cirúrgica e sua importância na recuperação funcional do membro. Foi atendido um cachorro-do-mato macho com histórico de atropelamento, apresentando fratura exposta no membro pélvico esquerdo. O diagnóstico foi confirmado por radiografia, evidenciando fratura diafisária oblíqua com perda óssea. Após estabilização, realizou-se osteossíntese por fixação externa tipo II modificada, associada ao uso de polimetilmetacrilato (PMMA). No pós-operatório, a técnica demonstrou-se eficaz na estabilização e consolidação óssea. Conclui-se que o procedimento cirúrgico foi bem-sucedido, promovendo adequada fixação e reforçando sua aplicabilidade em canídeos silvestres.

Palavras-chave: cirurgia ortopédica; fratura tibial; fixação externa tipo II; canídeo silvestre.

Introdução: Fraturas de tíbia em cães e gatos ocorrem principalmente em decorrência de traumas, como atropelamentos, projéteis, brigas e quedas. A reduzida cobertura de tecidos moles nessa região favorece a ocorrência de fraturas abertas (FOSSUM, 2014). Em canídeos silvestres, o exame clínico é semelhante ao realizado em cães domésticos, diferindo pela necessidade de contenção física e, frequentemente, química para manejo seguro. A obtenção e interpretação de exames de imagem seguem os mesmos princípios da clínica de pequenos animais, devido à semelhança anatômica entre as espécies (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014). Clinicamente, fraturas tibiais cursam com incapacidade de sustentação do membro, dor, edema e crepitação (FOSSUM, 2014). A avaliação deve ser realizada por radiografias nas projeções craniocaudal e lateral, incluindo as articulações adjacentes. O tratamento pode envolver analgesia e antibioticoterapia, especialmente em fraturas expostas, auxiliada a abordagem cirúrgica, podendo incluir técnicas de fixação interna ou externa, aplicáveis também a canídeos silvestres (FOSSUM, 2014; CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014).



Objetiva-se relatar um caso de fratura aberta de tíbia em cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), atendido no Hospital Veterinário Adílio Santos de Azevedo – HV/ASA, IFPB, em São Gonçalo–PB, destacando a abordagem cirúrgica e sua aplicabilidade na estabilização e consolidação óssea em canídeos silvestres.

Relato de caso: Foi atendido no Hospital Veterinário Adílio Santos de Azevedo – HV/ASA, IFPB, um cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), macho, sem idade definida, pesando 4,44 kg, com histórico de possível atropelamento. Ao exame clínico, apresentava-se apático, em decúbito lateral direito, com fratura exposta no membro pélvico esquerdo, associada à dor, edema e deformidade angular. Foram realizadas radiografias nas projeções craniocaudal e mediolateral e hemograma do paciente. O exame radiográfico evidenciou fratura diafisária oblíqua completa exposta da tíbia esquerda, associada à perda óssea. Inicialmente, instituiu-se analgesia com fentanil (0,005 mg/kg, IM) e tramadol (4 mg/kg, IM), e a aplicação de meloxicam (0,2 mg/kg, IM) e enrofloxacin (5 mg/kg, SID, 7 dias). Após 20 dias, com os exames complementares sem alteração, realizou-se osteossíntese da tíbia esquerda por fixação externa. Como protocolo anestésico, utilizou-se dexmedetomidina (0,003 mg/kg, IM) e tramadol (3 mg/kg, IM) na pré-medicação, e antibioticoterapia profilática com ceftriaxona (25 mg/kg, IV) e meloxicam (0,1 mg/kg, IV). A indução foi feita com propofol (4 mg/kg, IV), mantido em infusão contínua, associada a bloqueio epidural lombossacral com lidocaína 2% com vasoconstritor, bupivacaína 0,5% sem vasoconstritor e morfina 1%. O procedimento teve início com abordagem medial do membro, com incisão sobre o foco da fratura, seguida de divulsão e exposição dos fragmentos. Os fragmentos ósseos foram aproximados, com comprometimento da anatomia original, e procedeu-se à aplicação de fixador externo tipo II modificado, com quatro pinos de transfixação nas metáfises proximal e distal. Os pinos foram posicionados paralelamente às superfícies articulares e centralizados no plano frontal. A estabilização incluiu barra longitudinal unilateral, sendo a contralateral substituída por polimetilmetacrilato (PMMA), aumentando a rigidez da montagem. O alinhamento foi corrigido por ajustes nas pinças e distração controlada. Ao final, foi aplicada medula óssea autógena do úmero no foco da fratura. O encerramento cirúrgico foi realizado com miorrafia em nylon 2-0, padrão Sultan, e dermorrafia em nylon 2-0, padrão simples interrompido,

seguido de administração de pomada Ganadol e enfaixamento do membro. No pós-operatório, a técnica demonstrou-se eficaz na estabilização e consolidação óssea.

Resultados e discussão: Fraturas em canídeos silvestres estão frequentemente associadas a traumas, como atropelamentos, sendo comuns em *Cerdocyon thous* (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014). As fraturas expostas de tibia apresentam alta complexidade devido à limitada cobertura de tecidos moles e ao elevado risco de infecção (FOSSUM, 2014). Neste relato, a perda óssea associada à exposição do foco fraturário representou um desafio, sendo a fixação externa escolhida por sua menor invasividade e melhor manejo da ferida (Figura 1). O paciente apresentou sinais clínicos típicos, como dor, edema local e incapacidade de sustentação, com diagnóstico confirmado por radiografia nas projeções craniocaudal e mediolateral (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2014; FOSSUM, 2014). Apesar da complexidade do caso, a técnica demonstrou-se eficaz, evidenciando a aplicabilidade de procedimentos de pequenos animais em canídeos silvestres e sua eficiência na estabilização e consolidação óssea.

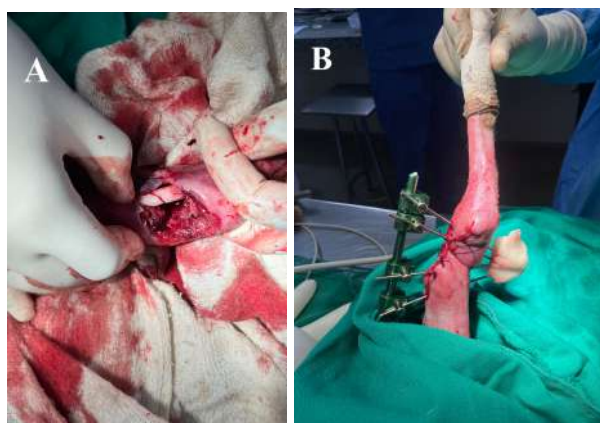


Figura 1 - Foco da fratura em membro posterior esquerdo(A). Osteossíntese com fixador externo tipo II com PMMA(B). Fonte: Hospital Veterinário Adílio Santos de Azevedo - IFPB.

Conclusão: Conclui-se que a abordagem cirúrgica empregada foi eficaz na estabilização e consolidação da fratura, evidenciando que técnicas ortopédicas utilizadas em pequenos animais podem ser aplicadas com sucesso em canídeos silvestres.

Referências Bibliográficas: CUBAS, ZALMIR, SILVINO. **Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2014. 2470 p. 854-856.

FOSSUM, T.W. **Cirurgia de pequenos animais**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p.3398-3415.